



MODELOS DO ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA NO BRASIL

José Manuel Moran

Diretor Acadêmico da Faculdade Sumaré-SP

Avaliador institucional do MEC

Doutor em Ciências da Comunicação pela USP

moran10@facsumare.com.br



Modelos do Ensino Superior a distância no Brasil

Resumo

O Brasil se encontra em uma fase de consolidação da educação a distância em todos os setores e níveis de ensino. Depois de uma fase de experimentação, quando houve uma aprendizagem intensa e busca de modelos mais adequados para cada instituição, encontramos-nos em uma fase de amadurecimento, de maior regulação governamental, de maior cuidado com o crescimento, infraestrutura, metodologia de ensino e avaliação. Os modelos predominantes são os de teleaula, videoaula e WEB com maior ou menor apoio local. A legislação atual no Brasil privilegia o modelo semipresencial, com acompanhamento dos alunos perto de onde moram (em polos) e mostra desconfiança pelo modelo de acompanhamento online, principalmente em cursos de graduação.

Palavras-chave: educação a distância, Ensino Superior, teleaula, educação online, modelos EAD, ensino semipresencial.

O Brasil se encontra em uma fase de consolidação da educação a distância em todos os setores e níveis de ensino. Depois de uma fase de experimentação, em que houve uma aprendizagem intensa e busca de modelos mais adequados para cada instituição, encontramos em uma fase de amadurecimento, de maior regulação governamental, de maior cuidado com o crescimento, infraestrutura, metodologia de ensino e avaliação.

Agora nos encontramos numa fase de consolidação do EAD no Brasil, principalmente no Ensino Superior. A educação a distância é política pública, com forte apoio governamental, o que não acontecia no início. Criou-se em 2005 a UAB - órgão do MEC - que gerencia as iniciativas do EAD nas universidades públicas. Consolida-se uma política mais reguladora no MEC, com decretos e portarias que definem claramente o que é válido ou não. Por exemplo, na graduação é fundamental ter polos perto do aluno, com infraestrutura bem definida e apoio de tutoria presencial.

Alguns autores servem de base para a avaliação do Ensino Superior a distância no Brasil, entre eles se destacam: Litto (2009), Valente (2009), Almeida (2009), Gatti (2002); Silva (2003); Oliveira (s/d).

Fundamentalmente, temos três modelos principais de EAD no Ensino Superior no Brasil, com algumas variáveis e combinações: o modelo teleaula, o modelo videoaula e o modelo WEB.

1. O modelo teleaula

Os alunos são reunidos em salas e um professor transmite uma ou duas aulas por semana, ao vivo. Os alunos enviam perguntas e o professor responde a algumas que considera mais importantes. Em geral, depois das teleaulas, os alunos se reúnem nas telesalas, em pequenos grupos, para realizar algumas atividades de discussão e aprofundamento de questões relacionadas à aula dada, sob a supervisão de um mediador, chamado professor tutor local. Além das aulas, os alunos costumam receber material impresso e orientações de atividades para fazer durante a semana, individualmente, com o acompanhamento de um professor tutor online ou eletrônico.

Esse modelo começou focando mais a transmissão, a tecnologia de satélite, a multiplicação de polos onde eram instaladas as telesalas. As aulas são variações de professor falando, com ilustração de apresentações em PowerPoint, trechos de vídeo e alguma interação com a lousa digital. Os textos das aulas estão num livro impresso ou digital (CD, DVD ou Internet). Além das teleaulas e das atividades locais com o tutor de sala dos polos, os alunos acessam (quando podem) o portal do curso na Internet, no qual encontram alguns materiais

complementares, realizam alguma interação, em geral por fórum, e enviam sua atividade para o tutor online. Houve um crescimento desordenado deste modelo, com a instalação de polos em muitas cidades, sem critérios definidos de parceria e sem padrões adequados exigidos de infraestrutura.

Os tutores online são essenciais para o acompanhamento das atividades dos alunos durante a semana. Eles assistem às aulas, acompanham os alunos nas atividades individuais e de grupo, tiram dúvidas dos alunos, devolvem com comentários as atividades realizadas que costumam ser disponibilizadas no portfólio eletrônico. Organizam os alunos em grupos para poder atendê-los melhor, além de agendarem *chats* com esses alunos (Cortelazzo, 2007).

Os tutores de sala ficam nos polos, perto dos alunos, para acompanhá-los nas atividades presenciais, durante as teleaulas e, depois, nas atividades de sala feitas em grupo. Durante a semana ajudam os alunos, que vêm aos polos, em pesquisas nos laboratórios.

Uma figura que as instituições estão criando é a de Coordenador Pedagógico do polo para todos os cursos. Ele é o responsável institucional pelo bom andamento dos cursos no local, coordena as atividades dos tutores, supervisiona o funcionamento da infraestrutura e a acadêmica.

Em relação à infraestrutura, há uma exigência maior de bibliotecas no polo, um livro para cada oito alunos, na bibliografia básica, e uma proporção equivalente de computadores por número de alunos. Também as instituições estão mais atentas a criar laboratórios específicos para cada curso, virtuais e físicos.

Com a regulamentação mais detalhada, elaborada pelo MEC, para autorização de cursos a distância e a delimitação da infraestrutura necessária para os polos, os cursos adquirem um caráter mais semipresencial, com maior apoio local e infraestrutura mais adequada.

A partir de entrevistas com coordenadores pedagógicos de algumas Instituições Superiores que adotam o modelo teleaula, pude constatar avanços importantes que estão acontecendo na organização acadêmica e administrativa. Os principais são:

- Busca de aulas mais produzidas, com mais recursos de apoio (entrevistas, vídeos, animações, jogos). O modelo professor falando com apoio do PowerPoint está desgastado. Há uma valorização de maior participação dos alunos, de estabelecer vínculos com os polos, de quebrar a aula com algumas atividades de discussão ou problematização intercaladas.
- Depois da teleaula, um *link* dela fica disponível no ambiente virtual, para que os alunos possam rever a aula quando acharem conveniente (em algumas instituições, o *link* fica disponível por

poucos dias, pode ser acessado no polo ou pode ser adquirido no formato DVD, na biblioteca do polo).

- Além das teleaulas há um avanço em algumas instituições no pós-aula, em que o professor retoma alguns tópicos da teleaula e os amplia num segundo momento, através de uma webaula, de um podcast ou recurso semelhante. É uma forma de reforço, ampliação e personalização da teleaula, para focá-la melhor e tirar dúvidas. Esse material está disponível para o aluno no ambiente digital do curso. Há uma ligação maior entre teleaula, a web ou áudio-aula e os estudos independentes. Academicamente, o projeto está mais integrado agora do que no seu início. Começa-se pela teleaula, o professor retoma as questões de uma forma mais dialógica e faz a integração com as atividades individuais de estudo e pesquisa. As instituições começam a perceber a importância de divulgar e re-utilizar as próprias produções dos alunos, principalmente as feitas em vídeo. São utilizadas como subsídio das teleaulas e muitas ficam disponibilizadas na biblioteca digital.

- Há um melhor aproveitamento da cenografia. Alguns estúdios contam com equipamento de cenário virtual, que permite inserir o professor em ambientes relacionados com os temas da sua fala. Há professores que representam personagens vinculados ao conteúdo, trazem profissionais que aproximam as ideias teóricas à experiência prática.

- Alguns professores desenvolvem formas de comunicação mais direta com os alunos: mobilizam os polos com alusões diretas, com reorganização do espaço físico, com gincanas, concursos, *sketches*, representações e simulações.

Essa comunicação direta, ao vivo, é vista como grande diferencial pelos coordenadores deste modelo de teleaula. O aluno gosta de sentir o contato com o professor ao vivo, enviar-lhe perguntas, sentir-se incluído, mesmo que esporadicamente. Os alunos gostam desse contato com o professor, de saberem-se citados e verem-se representados. Há uma certa mitificação do professor, os alunos o vêem como atores de TV. Tenho visto professores que eram contrários a esse modelo e que agora se sentem bem, porque reforça e amplia o seu papel de transmissor da informação e cria essa aura de visibilidade que a TV confere.

Os alunos manifestam o sentimento de que participam de algo mais amplo do que uma aula presencial comum, porque compartilham questões com alunos de todo o país e podem confrontar visões e culturas diferentes. Esta interculturalidade poderia ser muito mais explorada, nas próprias teleaulas e no ambiente virtual.

O recurso de webconferência ou de áudio-conferência pode ser útil para a orientação de grupos, para tirar algumas dúvidas, para a orientação de estágio e TCC. Trabalhos de

apresentação de alunos podem ser realizados também dessa forma. Algumas instituições já realizam a defesa da monografia em cursos de pós-graduação através de programas de webconferência, o que permite a conexão em tempo real e a possibilidade de cada um conectar-se no que considerar mais conveniente.

Apesar dos avanços mostrados pelos coordenadores desses cursos por teleaula, observamos que privilegiam a transmissão da informação pelo professor numa época em que a informação está disponível por várias mídias e que o papel do professor pode ser muito mais importante caso se transforme em orientador, em contextualizador das questões dos alunos.

2. O modelo WEB

Hoje, quase todos os cursos superiores a distância utilizam a Internet em algum momento, mas há instituições que têm na Internet o principal suporte. Os cursos de curta duração podem ser realizados inteiramente online, já nos superiores, principalmente de graduação, há hoje uma forte pressão pelo modelo semipresencial.

O modelo WEB foca o conteúdo disponibilizado pela Internet e por CD ou DVD. Além do material na WEB, os alunos costumam ter material impresso por disciplina ou módulo. Os ambientes principais de aprendizagem são o Moodle, o Blackboard e o Teleduc. Algumas instituições têm o seu próprio ambiente digital de aprendizagem. Começa-se a utilizar a webconferência para alguns momentos de interação presencial com os alunos, para orientações, dúvidas e manutenção de vínculos afetivos.

Até agora, temos basicamente dois modelos diferentes de Ensino Superior a Distância via web: o modelo virtual e o modelo semipresencial. No modelo virtual, a orientação dos alunos é feita a distância, pela Internet ou telefone. Os alunos se reportam ao professor e ao tutor durante o semestre e geralmente se encontram presencialmente só para fazer as avaliações. É um modelo em que, predominantemente, tudo acontece na Internet e os encontros presenciais são mais espaçados, porque não existem os polos para o apoio semanal.

No modelo semipresencial, como os do Consórcio CEDERJ das universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro, os alunos frequentam polos perto de onde moram e, além do tutor online, recorrem ao tutor presencial no polo, com quem podem tirar dúvidas e participar das atividades solicitadas, dos laboratórios de informática e outros específicos do curso. Esse modelo é replicado pelas universidades públicas, sob a gestão da UAB – Universidade Aberta do Brasil, que fazem parceria com as prefeituras para a instalação dos polos de apoio presenciais.

3. O modelo videoaula

Há instituições no Ensino Superior cujo projeto pedagógico foca mais a produção audiovisual e impressa pronta, não ao vivo. Produzem as aulas em estúdio, com mais ou menos profissionalismo.

Também há dois modelos predominantes que utilizam a videoaula, um semipresencial e outro *online*.

O modelo mais usual é o de telesalas, em que o aluno vai presencialmente uma ou várias vezes por semana e um tutor supervisiona a exibição do vídeo e as atividades relacionadas ao conteúdo da disciplina. Tira dúvidas, sob a coordenação de um professor responsável por essa disciplina. Este modelo é muito útil, principalmente para cidades pequenas, sem condições para a instalação de uma instituição de Ensino Superior presencial.

Outro modelo é realizado com vídeoaulas, que os alunos acessam via WEB ou recebem por CD ou DVD. Os alunos assistem às videoaulas em casa ou no trabalho, leem o material impresso e fazem as atividades que são entregues a um tutor *online*, num ambiente de aprendizagem digital, em geral o Moodle. Os alunos só vão a um polo para a avaliação *online*. Os modelos de videoaula que utilizam mais a WEB – em geral o Moodle – como ambiente de aprendizagem e de interação, precisam rever os seus projetos à luz das normas atuais legais, focando muito mais o apoio, também local, ao longo do curso e não só na avaliação.

As exigências atuais de infraestrutura do MEC referentes a polos com muito mais recursos, dificultam o atendimento a essas pequenas populações. Os alunos terão que se deslocar muito mais do que antes.

O modelo semipresencial é muito utilizado nos cursos de pedagogia e licenciaturas. Ele precisa adaptar-se também, como os anteriores, às normas vigentes. As infraestruturas administrativa, tecnológica e acadêmica costumam ser precárias, com poucos computadores, biblioteca diminuta e tutor sozinho com muitos alunos.

Se em outros países com mais tradição em EAD, como a Inglaterra, a Espanha e a Austrália há diversos modelos, se cada universidade pode definir sua forma de atuar em EAD e os resultados, nas principais universidades, são satisfatórios, por que nós deveríamos centrar-nos em um modelo semipresencial como condição indispensável para o reconhecimento legal?

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Elizabeth. **As teorias principais de andragogia e heutagogia**. In LITTO, Fredric & FORMIGA, Marcos (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009, p. 105-111.

CORTELAZZO, Iolanda et alii. **Cursos de Graduação a distância: inclusão e qualidade**. Trabalho apresentado no Congresso Internacional da ABED de 2007 no Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/82200724656PM.pdf>>. Acesso em 4 março 2009.

GATTI, Bernardette. **A Formação de professores a distância: critérios de qualidade**. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/ead/eadtxt1b.htm>>. Acesso em: 5 maio 2009.

LITTO, Fredric & FORMIGA, Marcos (orgs). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MORAN, José Manuel. **A educação a distância e os modelos educacionais na formação dos professores**. In: BONIN, Iara et al. *Trajetórias e processos de ensinar e aprender: políticas e tecnologias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. Cap. 4, p. 245-259. (XIV Endipe).

NASCIMENTO, Francisco; CARNIELLI, Beatrice L. **Educação a distância no Ensino Superior: expansão com qualidade?** Campinas: Etd - Educação Temática Digital, v. 9, n. 1, p.84-98, nov. 2007.

OLIVEIRA, Teresinha Zélia; OLIVEIRA, Paulo Cezar. **Perspectivas sociais e políticas da ead no brasil: Uma visão panorâmica com foco na produção científica para o setor**. Disponível em: <http://twiki.im.ufba.br/pub/Main/PauloCezarOliveira/artigo_ead_pctz.doc>. Acesso em 3 fev. 2009.

SILVA, Marcos (Org.). **Educação Online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003.

VALENTE, José Armando. **Aprendizagem por computador sem ligação à rede**. In LITTO, Fredric & FORMIGA, Marcos (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p.65-71.

VIANNEY, João. **A ameaça de um modelo único para EaD no Brasil**. Colabor@ - Revista Digital da CVA-RICESU, vol. 5 – nº 17, julho 2008. Disponível em <<http://www.ricesu.com.br/colabora/n17/index1.htm>> Acesso em 15 maio 2009.